

ASPECTS ET TECHNIQUES DE LA PEINTURE D'ENFANT

Arno Stern

O MUNDO "PLÁSTICO" DA CRIANÇA

- 2º capítulo -

O mundo plástico da criança é diferente, sem sua estrutura, do mundo adulto. Ele possui valores e leis particulares. A expressão artística da criança é uma linguagem convencional. Características gerais o distinguem do mundo plástico do adulto, mas, no interior desse mundo de criança, pode-se discernir, igualmente, as características próprias a cada etapa evolutiva.

Esse mundo nós já o sentimos bem vivo no desenho feito por crianças bem pequenas. Ele pode ser pobre, desordenado ou atormentado ou, ao contrário, pode ser rico, equilibrado, bem estruturado. E isso pode ser notado na maneira como ela enche de traços e manchas mas representam já os traços de uma personalidade determinada.

A criança expressa a imagem de seu mundo particular e sua evolução se fará dentro de um ritmo pessoal com um sentido que lhe é próprio.

À medida que ela vai crescendo, suas representações, seus desenhos, serão facilmente identificáveis.

Surgirá, porém, um momento em que tudo no seu desenho é "figurado".

É necessário que se considere a expressão da criança como uma linguagem. O educador deverá saber ler um desenho; reconhecerá os símbolos e não se enganará, tomando, por exemplo, uma flor por uma árvore, uma casa por um navio etc. Deverá conhecer os símbolos mas não tentará interpretá-los, pois o educador não é um psicanalista. É, porém, graças ao educador que o desenho nasce; mas se este desenho representa um mundo a ser explorado, o educador não será o explorador.

Não influenciará, nem fará sugestões. Sua presença é necessária à criança, mas será exatamente aquela presença que a criança espera.

O educador deverá se abster de pensar em tudo que o estudo teórico pode lhe ensinar, ficando ao lado da criança apenas com sua sensibilidade, não com sua ciência.

O mundo da criança se abre cada vez mais para nós à medida que com ela pratiquemos a educação artística.

Com o tempo reconheceremos rapidamente o estilo de cada criança, isto é, sua maneira de jogar com o vocabulário da expressão infantil.

Notaremos, também, toda particularidade estranha à criação autêntica da criança, tudo que pode entrar no desenho sob a influência do adulto, quer por modelos, quer com sugestões.

Não faremos aqui o estudo das leis que regem o mundo plástico da criança. Iremos diretamente aos detalhes do mecanismo da criação.

Em primeiro lugar saibamos que certos temas como: a casa, o navio, o sol etc. são como símbolos de um vocabulário imaginado aparecendo com vezes com formas próprias a cada criança ou a cada etapa de crescimento. Mas, atenção! estas repetições sucessivas de um mesmo tema, não serão uma falta de fantasia, de idéia ou imaginação!

Se uma criança repete muitas vezes o mesmo tema ou usa sempre a mesma cor, é porque qualquer coisa em seu interior está presa ao conteúdo desses desenhos ou a determinada cor.

Ela não poderá representar outra coisa que seu problema e "dentro dela" é que ele será resolvido.

Inútil será, portanto, querer desviar seu espírito para coisas novas. É necessário que primeiro ela se liberte de sua obsessão.

Praticando a terapêutica, através da criação artística, é possível a "libertação". O educador precisará agir com muita sutileza nesses casos, procurando modificar o psiquismo da criança através do trabalho mas não o ato criador em si. Poderá fazer várias perguntas inteligentes que a criança responderá com desenhos. Por exemplo: uma criança desenha uma casa sem porta. Após uma atitude solícita e carinhosa que servirá para dar confiança à criança, o educador perguntará: "Como se entra em sua casa?" e deixará o problema com a criança. Se ela acrescentar a porta que falta, isto poderá significar que ela conseguiu abrir uma brecha no seu bloqueio perceptivo. Não foi apenas uma porta que ela desenhou como um pequeno detalhe na casa, mas indica principalmente que a "abertura" dentro dela está se processando. Se, porém, o bloqueio persistir, a porta não será desenhada e não será a indicação do educador suficiente para a criança resolver seu problema; poderá, apenas, aceitar a idéia de representar uma porta mas a situação interior continuará.

O vocabulário "formal" da criança pertence a uma linguagem "normal". Nele não entram diretamente suas observações e impressões mas sim a utilização que ela dará a essas mesmas impressões. Isto é, os objetos a interessam à medida em que ela se utiliza deles e não pelo valor ou utilidade que eles possam ter em si. No começo ela desenha o que existe dentro dela. Por exemplo: uma criança resolve desenhando uma senhora que está sentada à sua frente. Olha-a e traça sobre o papel um grande círculo e dele faz partirem simples traços que representarão os braços, as pernas, os cabelos; e, depois, ao lado de tudo isto desenha oito pontos representando os oito botões do vestido. A criança observou os botões, chegou mesmo a contá-los, mas não encontrou a relação direta que existe entre eles e o vestido. Os botões são para ela como uma realidade autônoma.

A "expressão", com uma pausa, segue a "experiência". A criança "sente" antes, para "exprimir" depois.

Suas figuras humanas, também, não tem orientação no espaço; os pés nem sempre suportam o corpo. É como quando começa a falar: pronuncia palavras soltas, sem ligação. Ela soletra o universo que identifica, somente quando nasce a analogia entre a palavra e suas sensações é que a criança formará a frase.

Mais tarde ela começa a desenhando, forma "imagens-palavras", alinhadas sem ligação entre elas; é a primeira fase.

No vocabulário plástico da criança as coisas têm no princípio um aspecto típico, por exemplo: sobre um rosto feito de frente, o casquete é colocado de perfil. Neste mesmo rosto de senhado de frente o nariz é um ângulo reto; é também a "idéia - nariz" que se impõe sobre a noção de verossimilhança do adulto.

A criança desenha o que "sabe" sobre as coisas. Ela sabe que dentro de uma casa existem quartos, então ela os desenha: "são os desenhos transparentes". Esta representação tem para ela um valor que domina a "noção de aparência" do adulto.

Aos poucos, no curso de sua evolução, ela irá mudando sua atitude criadora.

Quando desenha, a criança não "vive" o conjunto do quadro; seu interesse está todo voltado ao ponto preciso que desenha no momento.

A noção de conjunto só mais tarde surgirá e é por isso que, muitas vezes, vemos uma casa desaparecer atrás de uma figura humana que lhe sucede: ela deixou de existir no momento em que nasceu a idéia da figura humana; a casa pertence já ao passado, o presente é apenas a figura humana.

O papel de desenho é para a criança um palco onde as aventuras se sucedem, é também a imagem do mundo: a criança o conquista e o explora.

O processo para a "conquista do espaço" no papel é diferente para cada criança e o professor não intervirá jamais com sugestões, tais como mandar cobrir um espaço deixado em branco entre o céu e a terra.

Tornamos a insistir: esta ligação não deve ser feita no papel por uma aceitação tácita da criança, mas como decorrência de uma ligação que foi feita, primeiramente, "dentro dela".

Quando a criança pinta frequente e regularmente, sua evolução se acelera, sem outra qualquer interferência, chegando mesmo a adquirir um grau de maturidade de expressão que falseia toda medida comum.

O desenvolvimento criador não é o mesmo em todas as crianças, podendo ser determinado dois tipos: o cerebral e o sensorial.

O sensorial "vive" o desenho que cria. Ele sente a necessidade de usar determinada cor - o vermelho por exemplo e então desenhará uma flor para pintá-la de vermelho.

O cerebral, ao contrário, projeta o desenho; para ele o vermelho servirá apenas para pintar o telhado da casa que desenhou. A cor será uma consequência em sua representação, enquanto que para o tipo sensorial a forma surge como uma necessidade do colorido.

Mas uma criança não pertence arbitrariamente a um ou outro tipo; de acordo com suas tendências ela será classificada/ como tipo cerebral predominante ou tipo sensorial predominante.

Muitas vezes o desenho de uma criança pertencente ao tipo cerebral predominante parecerá melhor do que outro desenho de uma criança de tipo sensorial predominante. Isto é um engano. Os dois são verdadeiros. Cada criança segue sua linha evolutiva e esta evolução será válida por ela mesma.

É por isto que o educador não deverá fazer comparações. Frases como: - "Veja Paulo, Pedro fez muito bem esta árvore" - jamais deverá ser dita por um educador. Ao contrário, no caso de ele perceber que Paulo está achando a árvore de Pedro melhor do que a sua, o educador deverá agir de maneira a que Paulo não valorize o desenho de Pedro, menosprezando o seu.

Em classes de educação artística não se deve dar notas, nem recompensas e sobre tudo não deve haver competições.

Isto nos lembra os concursos tão usados em nossas escolas, nos quais se julga, se classifica, se elimina e se recompensa.

Mas quem se permite julgar e qual o critério de apreciação adotado? Infelizmente o educador de competição está enraizado em nossos costumes. É uma exceção o educador que sabe medir seus efeitos desastrosos.

O concurso falseia o espírito da criação; a criança / não deve criar para ganhar. Ele, criando, torna-se consciente de sua personalidade. Pintar é viver intensamente. A criança não / precisa da opinião de um juiz para medir a intensidade de suas emoções.

Aliás, se num concurso há o vencedor, também haverá o vencido e este se perguntará - "porque sua imaginação criadora não foi suficiente para êle ser o melhor" ?

Se a criação artística livre dá confiança à criança , os concursos a roubam.

Não esqueçamos as verdadeiras possibilidades da criação artística: - permite em muitos casos reencontrar o equilíbrio. Seus efeitos se fazem notar nos trabalhos escolares e em seu comportamento social.

Conscios dessas possibilidades, teremos o direito de humilhar a criação artística da criança transformando-a apenas em meio de ganhar prêmios ?

No "atelier" a criança se sente protegida e apreciada suas faculdades criadoras são incentivadas; e, no entanto, o educador não sugere, não corrige, êle incentiva e protege.

A criança não deverá nunca pensar que o professor não soube interpretar seu desenho. O bom educador evitará pronunciar esta frase cruel: - Que é que você quis desenhar aqui ?

ARTE INFANTIL

- O QUE É A ARTE INFANTIL

Não é novidade para ninguém que, desde muito cedo, a criança demonstra, pelo balbucio, sua capacidade instintiva de exprimir-se pela linguagem falada e, antes mesmo disto, pela mímica, ela já exprime claramente reações emocionais e necessidades profundas das quais está ainda longe de tomar consciência. Igualmente, se observarmos como, desde muito cedo, a criança toma de um lápis ou qualquer objeto capaz de fazer traços e em tempo o domina produzindo sucessivamente pontos, rabiscos, espirais e garatuñas, com características tão pessoais que ali reconhecemos alegria / ou angústia, timidez ou decisão enérgica, revolta ou bem estar, teremos de reconhecer que a capacidade de expressão gráfica é um recurso de comunicação natural e instintivo, assim como as demais formas de expressão a que nos referimos. Sendo a expressão gráfica, ou o desenho, a forma básica das artes plásticas (que são por isso chamadas também as artes do desenho), podemos afirmar tranquilamente que as crianças nascem com a capacidade / natural de expressão através das artes plásticas.



lho. Se uma obra de arte nos interessa, é por causa, é por causa da verdade humana que ela contém, jamais pelo virtuosismo, / técnico ou pela perfeição estereotipada. Na verdade, o artista, precisa pesquisar sua própria emoção, libertar-se das inibições que o paralisam, projetar-se em sua obra e para ela achar, enfim uma forma em harmonia com o modo utilizado, quer seja musical, literário ou plástico. Isto a criança faz espontaneamente, e não a deformou o ambiente, e é por isso que a arte infantil atrai, ao mesmo tempo, o psicólogo, o educador e o crítico.

Certamente as crianças demonstram uma ignorância total das regras clássicas e pouco respeito às normas acadêmicas. O admirador de arte moderna não lamenta isso. Prefere a forma imperfeita à perfeição estereotipada. Mas a criança, tendo um pincel na mão, logo descobre por sua lógica instintiva as leis profundas da expressão. As combinações e as justaposições de cores não são jamais indiferentes; são violentas, ácidas inesperadas, originais, expressivas, ou de um realismo emocionante. Os erros ou o que possa parecer tal aos olhos do educador não o são na realidade: as deformações, os exageros, as estilizações ou abreviações gráficas praticadas pela criança encontram a sua significação.

Cada detalhe possui a sua verdade, uma verdade lógica racional, interna, que se opõe muitas vezes à verdade exterior, aparente, superficial.

Ela cria para possuir sobre o papel aquilo que lhe escapa no outro mundo, na nossa sociedade de adultos e, como não lhe custa nada, ela quer possuir o mais belo, segundo seu gosto pessoal. Cria, assim, um mundo ideal, diferente do que a realidade impõe a seus olhos, mas à imagem dos seus sonhos e desejos.

Não é maravilhoso que as crianças de todos os países, de todas as raças, se reúnem pela criação espontânea de certas formas comuns onde os filósofos divisam os grandes símbolos das crenças originais da humanidade?"

Georges Boudaille

ARTE INFANTIL

Aula prática : Iniciação ao mosaico - exercícios de coordenação motora e atenção, principalmente. Experiências de composição livre, interessantes para / libertar a criança muito apagada ao desenho de massadamente formal.

1ª experiência: (técnica básica)

material: papel de jornal, impresso;
papel A.G. ou craft;
cola e pincel.

técnica: - picar os jornais com as mãos;
- formar, com os pedacinhos de jornal, um desenho sobre a fôlha de cartão A.G. ou craft;
- passar cola em tôda outra fôlha de cartão A.G. ou craft e imprimi-la contra a primeira, de modo a transferir o desenho para esta última, onde ficará definitivamente.

2ª experiência: quando a técnica básica estiver bem dominada, poderemos introduzir o problema da cor, através da substituição do papel de jornal por papel de revista, de embrulho, de sêda ou outros, de cores variadas. Será interessante observar que os papeis coloridos de um só lado deverão ser virados com a cor para baixo, antes de ser transferido o desenho para o cartão definitivo.

3ª experiência: numa etapa posterior, poderemos acrescentar interesse ao trabalho, ao mesmo tempo que oportunidade de conseguir bonitos resultados plásticos, se juntarmos anilina ou guache à cola utilizada. Teremos assim, fundos coloridos, de ricas texturas, que pelo entusiasmo que despertam preparam a criança para o trabalho de mosaico / de papel, propriamente dito, que exige mais paciência e perseverança.

4ª experiência: usar papeis pequenos (tamanho ofício ou meio - ofício) para as primeiras experiências com mosaico completo. Estimular a criança a cobrir inteiramente o papel com papéizinhos picados. Nesta oportunidade, ela poderá ver reproduções de mosaicos antigos, observar as calçadas de mosaico e, se houver oportunidade, mosaicos em igrejas ou edifícios públicos. O trabalho deve ser executado segundo a técnica empregada até agora ou seja, arrumar primeiramente o desenho sobre uma fôlha de papel, depois transferi-lo para o papel definitivo: é a mais simples.

Colagem decorativa - Exercício de composição rítmica, com efeito de sombra, para aplicações em vidraças formando conjunto de efeito decorativo e/ou alegre. Trabalho a ser executado por toda a turma, visando um objetivo comum (2ª e 3ª série).

Material:

- tiras de papel de seda em cores, com cerca de dez centímetros de largura;
- tiras ou retângulos de jornal, com a mesma largura;
- cola e pincel;
- tesouras.

Técnica:

- desenhar no jornal qualquer motivo simétrico.
- dobrar o desenho ao meio e recortar o motivo pelo lado que parecer mais perfeito/sem estragar nenhuma das duas partes do papel. (fig. 1)
- usar uma das partes como molde, para riscar e recortar outras idênticas.
- enfileirar os recortes sobre a mesa, procurando a melhor distribuição rítmica e colar depois o conjunto na tira de papel colorida (figura 2).
- os trabalhos, depois de terminados, são colocados contra a vidraça, procurando-se /arrumá-los de maneira decorativa, combinando as cores das diversas tiras de papel de seda.

NOTA : Esta técnica foi usada na decoração do refeitório para a comemoração da independência, em 1962.

Pintura : (práticas - comentários)

Material : - Cartão A.G. (ou papel de jornal - ou papel tipo craft ou de embalagem) tamanho mínimo 35 x 50. Variar a forma, o tamanho e a cor do papel.

- Tinta a tempera. Veja adiante a receita.
- Um pincel grosso e um fino.
- Vidros com água.

Receitas e tinta tempera:

1) - para ser usada toda no mesmo dia: use leite em pó desmanchado na água, como para beber; junte-o ao pó de tinta, em quantidade suficiente pa

ra obter boa consistência.

2) - para conservar por cerca de 15 dias: 1 colher/ de gesso cré, 2 colheres de tinta em pó, 3 colheres de goma-arábica. Misture tudo, bata bem, junte água suficiente para afinar um pouco. Se quiser, junte algumas gotas de glicerina que impedirão que a tinta se deposite e endureça no fundo da vasilha.

1ª Nota: alguns pós de tinta são muito leves e custam a misturar com o veículo. Resolveremos estes casos juntando algumas gotas de álcool em pó, antes de misturar os demais ingredientes.

2ª Nota: É aconselhável usar papel absorvente, porque seca mais depressa e suja menos. O pincel de cerda, grosso e resistente, é o melhor; o pincel fino, também de cerda, só será utilizado para acabamento e detalhes pequenos.

Técnica : Sendo a pintura, como o desenho, um recurso de expressão por excelência, conseguiremos melhores resultados educacionais permitindo a liberdade de tema, uma vez que a criança tem necessidade permanente de exprimir sentimentos e reações que não saberia ou não poderia exprimir pela palavra.

A maneira mais simples e que provoca um progresso mais rápido é a que consiste em pintar primeiramente um fundo sobre papel absorvente e, depois de seco, trabalhar o tema, com o pincel fino, por cima.

Composição utilizando recortes de papel colorido

Material : Cartão A.G.

Retalhos de papel colorido (podendo, ou não, ser em formas geométricas).

Cola

Tinta a têmpera ou lápis cêra.

Técnica : Poderão tentar representar alguma coisa com os retalhos recebidos ou apenas procurar um bonito efeito de composição. Isto dependerá da regra que convencionarem ou dos objetivos da professora ao oferecer esta técnica.

Conseguido o arranjo satisfatório, colar as peças/ coloridas sobre o cartão A.G., podendo completar o trabalho com tinta a têmpera ou com lápis cêra.

Conforme o desenvolvimento pelo grupo, a professora poderá, ou não, limitar as cores da tinta e dos retalhos de papel colorido.

Nota: Num trabalho visando a exploração de texturas e de possibilidades de outros materiais, a professora poderá substituir o papel por fazendas diversas, lixas, papelhões ou outros decorativos etc.

Objetivos Gerais: para estimular a ordenação e enriquecimento da composição - a capacidade de planejar do ritmo equilibrado, assim como para introduzir problema de criação abstrata e desenvolver criadora imaginação.

SITUACÕES FREQUENTES EM AULAS DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS

1) - A criança que "não gosta" de pintar. Ela receia pintar. Perdeu a auto-confiança e acha que não sabe. É capaz de copiar mas não tem coragem de criar. Talvez se tenha acostumado a utilizar livros para colorir, talvez tenha sido orientada, de maneira rígida por alguém que não lhe permitiu a livre iniciativa. Essas duas práticas eliminam a auto-confiança. Permanecendo nestas atitudes, pouco poderá aproveitar a arte. Incluí-la num grupo de atividade diferente, como fantoches, que é criadora mas não depende de desenho; modelagem, tecelagem, construções. Para estas crianças aconselhamos também aquelas técnicas de colagem com retalhos de papel / colorido ou pano, assim como as técnicas combinadas de desenho e pintura sem preocupação representativa, apenas pela procura de composições e efeitos decorativos. São técnicas baseadas principalmente em efeitos casuais, de aspecto agradável e que despertam entusiasmo. Qualquer esforço pessoal destas crianças deverá ser convenientemente valorizado, não importa seja o resultado bom ou mau. Quando voltar a se interessar pelo desenho propriamente dito, chamar sempre a sua atenção para o objeto que desenha.

2) - A que se deixa influenciar pelos outros. Seus desenhos são cópias. Deseja criar, mas aceita toda sua sugestão, sem analisar. O professor não deve dar demonstração de como desenhar - não desenhar no quadro, a não ser por uma verdadeira necessidade de demonstrar e esclarecer algum assunto / procurar que a criança desenhe objetos e temas que conhece bem. Convidar esta criança a desenhar no quadro. Ensiná-la a manejar bem o material, para que possa se concentrar em criação mais do que em manipulação.

3) - A criança que repete sempre a mesma pintura sente-se bem e segura, repetindo algum sucesso anterior. Isto a impede de prosseguir aprendendo através da arte. Estude o trabalho / da criança para ter certeza de que ela está se repetindo.

Muitas vezes o tema e o caráter são os mesmos, mas pequenas modificações mostram que ela está se aprofundando no assunto, que a interessa. Neste caso não deve ser desencorajada a prosseguir. Se a repetição é idêntica e permanente, deverá o professor procurar influenciar o pensamento da criança, estimular novas formas de expressão, fazendo-a compreender que está muito interessado numa determinada experiência mas que ela precisa expressá-la de diversos modos para melhor compreendê-la.

- 4) - A criança que mostra atraso em uma ou mais técnicas de trabalho, sendo normal nas outras, pode ter ficado cansada durante o trabalho; ou não ter prática suficiente; ou se ter desinteressado na atividade. Permitir repouso no meio do trabalho, oportunidades de praticar mais, motivação nova. - Problemas de repouso durante as aulas de arte infantil - diferença entre classe exclusiva de arte infantil e arte infantil dada em classe normal pela professora:

Em classe normal, o problema de repouso durante a atividade praticamente não existe, uma vez que terminado o trabalho ou interrompido por cansaço, a professora encaminhará a criança a outra atividade de natureza diversa, que proporcionará repouso ao mesmo tempo que manterá a criança ocupado. Em classe exclusiva de arte infantil, uma atividade complementar, como recolhimento e ordenação do material, limpeza da sala etc, ajudarão a manter o interesse e a disciplina, assim como será interessante que a criança possa ser encaminhada à leitura ou mesmo, se possível, a uma voltinha fora da sala, com algum pretexto.

- 5) - A criança que trabalha muito sumariamente - não trabalha/mal, se consegue comunicar com clareza o seu pensamento. Se a comunicação não é satisfatória nem à criança nem ao público, então ela precisa ajuda. Vejamos algumas causas possíveis: às vezes, o tempo para execução do trabalho é curto; dê à criança a certeza de que terá tempo para terminar; pode acontecer que o trabalho é grande demais ou o material não é apropriado. Neste caso, use lápis cêra, papel menor, sempre do mesmo tamanho. Faça perguntas à criança, para lembrar detalhes sem, entretanto, sugerir-los.

- 6) - Algumas crianças pequenas, mesmo ultrapassada a fase em que isso é normal, persistem em desenhar objetos que não se relacionam com o tema escolhido. Isto é provocado geralmente por ser a criança forçada a passar do estágio manipulativo para o símbolo, antes de estar amadurecida para a mudança. Acontece, às vezes, também, por se forçar a criança a trabalhar depressa, sem tempo para refletir.

Motivação falha, em que a criança é forçada a desenhar objetos ou representar acontecimentos que ela não compreende ou nos quais não está interessada, levam também a esse resultado.

Será interessante que estas crianças voltem à manipulação, usando material atraente, como por exemplo, "finger-painting" ou modelagem. Quando desenharem, deve ser-lhes permitido trabalhar despreocupadamente, mas sob forte motivação.

- 7) - As crianças que não aproveitam bem o tempo e o material não podem apreender as propriedades tôdas dêste material e isto impede os seus progressos. Trabalhará muito com o lápis e, em uma parte do papel, deixando o resto sem tocar: absorve-se no detalhe a lápis e embora planeje cobrir tudo depois, com tinta nunca chega a fazê-lo. Ensiná-la a trabalhar livre e diretamente com a tinta. Encorajá-la a estabelecer um largo centro de interesse relacionado com centros secundários, todos de bom tamanho. Depois, e só então, acrescentar os detalhes.
- 8) - A criança que imagina que tem problemas insolúveis com o desenho da figura, a cor ou a perspectiva, pode ser ajudada a desenhar, observando diretamente a natureza. Estas dificuldades aparecem geralmente por volta dos 11 anos, se a criança está bem desenvolvida. Se não tiverem ainda experiência suficiente com mistura, com branco, Preto e cores primárias. Na Escola Guatemala, fizemos muitas seções de pintura em que as crianças de 3º, 4º e 5º ano trabalhavam, apenas com uma cor, preto e branco, de modo a explorar todas as possibilidades desta cor em luz e em sombra. Um bloquinho de croquis, para desenho do natural, ajudara muito.

Técnicas de desenho e pintura combinadas (1ª parte)

Material : papel apergaminhado

vela

lápiz cêra

água

tinta (nanquim, tinta para canetas, anilina)

pincel largo de pêlo macio.

Técnica : Juntar água à tinta, para obter a tonalidade desejada. usar a vela para produzir um desenho em traços fortes. Em seguida passar a tinta usando o pincel levemente, para não remover a camada isolante de cêra. O desenho aparecerá, então, em branco.

Podemos variar o trabalho, usando diversas cores de tintas e lápis cêra em cores claras. Também podemos isolar com a vela partes já coloridas, usando por ci

ma tinta de outra cor para obter novos efeitos. Estimular a criança a pesquisar possíveis variações.

Objetivos Gerais : exploração e melhor conhecimento de materiais.

Estímulo à pesquisa de formas de expressão pessoal. Exercício de atenção e concentração. Libertação do potencial imaginativo. Superação do desenho convencional.

Técnicas combinadas de desenho e pintura (2ª parte)

Material : papel apergaminhado, tinta de escrever em cores, (ou anilina), pincel fino, água.

Técnica : com o pincel fazer um grande pingo de tinta no papel umedecido previamente: o pingo se espalhará e a criança deverá usar a imaginação para descobrir na mancha alguma forma conhecida ou imaginada e completá-la com mais alguns traços ou manchas coloridas. / Poderá também procurar apenas efeitos de composição decorativa.

Variação : utilizar a tinta colorida para umedecer o papel e produzir a mancha com nanquim preto.

Objetivos Gerais : exploração e melhor conhecimento de materiais.

Estímulo à pesquisa de formas de expressão pessoal. Exercício de atenção e controle das manchas que se produzem no papel. Libertação do potencial imaginativo e superação do desenho convencional.

EDUCAÇÃO MUSICAL

(Princípios e plano de trabalho para iniciação musical das crianças
extraído da obra de Edgar Willems)

INTRODUÇÃO.

Há duas espécies de iniciação musical: aquela em que se aprende a ouvir, a apreciar a música e aquela em que se aprende a praticá-la.

Trataremos sobretudo desta última iniciação musical, ligando-se frequentemente a primeira à segunda.

A iniciação prática, tornou-se, graças ao progresso da orientação psicológica da educação musical, acessível a toda criança a quem a música interesse.

Além disso, esta iniciação, feita dentro do verdadeiro espírito é, ao mesmo tempo, um meio próprio de desenvolvimento artístico e um elemento de cultura geral; uma vez que, exigindo a participação total do ser humano - dinâmico, sensorial, afectivo, mental e espiritual - colabora no desenvolvimento de todas as faculdades e, harmonizando-as entre si, contribui para o desenvolvimento da personalidade humana.

Trata-se pois duma educação musical e não dum simples ensino. Esta educação nasceu de exigências da evolução simultânea da música, da psicologia e das tendências sociais. Da música - que segue atualmente os caminhos mais diversos; da psicologia - que permite estabelecer íntima ligação entre a natureza da música e a do ser humano; das tendências sociais que quereriam pôr a educação musical ao alcance de todos.

Esta educação pode ser começada desde a idade de quatro anos e mesmo mais cedo; tem pois o seu lugar nos Jardins de Infância. É um método ativo, comparável aos que já existem para as outras disciplinas da educação e, se levou mais tempo do que os outros métodos a encontrar a sua realização, é porque os problemas que não eram fáceis de resolver e porque a maior parte dos pedagogos o tinham deixado de lado. Além disso, o ensino musical tradicional não oferecia aos educadores as bases necessárias para esta educação.

Este ensino é, em geral, de natureza teórica, intelectual. Supondo os alunos dotados, não dá ao desenvolvimento do instinto rítmico e do ouvido musical (sensorial e afectivo) a importância que lhe é devida a fim de estabelecer bases sólidas para a inteligência musical.

OBJETIVOS

A iniciação musical infantil, tal como a entendemos, propõe-se atingir os seguintes objetivos:

1º - Desenvolver nas crianças o amor pela música e prepará-las, com alegria, para a prática vocal ou instrumental da música.

2º - Dar às crianças, por meios pedagógicos apropriados e vivos, um máximo de possibilidades de aprenderem música, ainda que não sejam para isso especialmente dotadas;

3º - Dar esta oportunidade, quanto possível, a tôdas as crianças; o que é realizável, visto que os elementos fundamentais da atividade musical são próprios a todo o ser humano. Ao fazer esta afirmação, pensamos no instinto rítmico, na audição, na sensorialidade, na emotividade, na inteligência ordenadora e mesmo na criadora;

4º - Dotar a educação musical, desde o começo, de raízes profundamente humanas. Trata-se, com efeito, não apenas de ensinar os "rudimentos" da música mas ainda, sobretudo, de estabelecer as "bases" da arte musical. O contacto com as crianças, as suas reações, tendências e iniciativas dão, a êste respeito, as mais valiosas indicações ao educador;

5º - Favorecer, por meio da música viva, o desaborchar da criança.

Quando falamos de amor pela música, não pensamos apenas no amor pelas obras musicais, nos seus criadores ou nos seus intérpretes, pensamos também no amor por tudo o que a música comporta de misteriosamente natural, humano, vivo: o instinto rítmico, o ouvido, a emoção musical, a harmonia material e espiritual dos sons.

A música é muitas vezes tomada como um simples meio de distração, de evasão ou de divertimento superficial, quando pode ser, e é realmente, a expressão daquilo que o ser humano tem em si de mais profundo.

Para os próprios professores, os cursos de iniciação musical podem ser uma atividade das mais interessantes, permitindo-lhes realizar um ideal musical ao mesmo tempo que psicológico e social.

BASES

Das condições de base indispensáveis ao educador que deseja empreender a iniciação musical infantil, salientamos:

1º - Amar as crianças e a música;

2º - Conhecer as bases psicológicas da educação musical, assim como a psicologia da criança;

3º - Encarar a música como um meio de cultura humana.

Tendo de resumer em poucas palavras os elementos essenciais do nosso método, diremos, que, em primeiro lugar, tudo está baseado nas reações psicológicas estabelecidas entre a música e o ser humano; em segundo lugar, que não recorreremos a processos à margem da música (extramusicais) com o fim de tornar atraente o ensino musical, porquanto o som e o ritmo, pela sua própria natureza, são duma riqueza infinita; em terceiro lugar, que o ensino musical propriamente dito, que é sobretudo teoria e ciência, não virá senão depois de uma iniciação prática, e que êste ensino, baseado na vida musical, nunca se afastará dela, porque dá uma im

portância de primeiro plano ao sentido rítmico e ao ouvido musical, até ao fim dos estudos da música.

A nossa atividade pedagógica centraliza-se nas canções (encaradas pedagogicamente), na cultura auditiva (com material auditivo) e no desenvolvimento do sentido rítmico (instinto e consciência). Juntamos a isto o nome das notas (como simples denominação dos sons), assim como um certo vocabulário musical que se refere aos elementos do som ou do ritmo.

Dissemos já que a educação musical, tal como a propomos, deveria começar nas escolas infantis. No entanto, nestas escolas, o problema musical está fundido com outros elementos de educação: poesia, ginástica, dança, mímica, arte dramática, linguagem, cálculo, etc. Compete ao professor compreender qual é a parte que cabe, neste conjunto, à educação musical e, com esta finalidade, iniciar-se nas bases psicológicas necessárias à sua realização. Compreende-se que o canto e a rítmica, praticados dum forma natural e viva, podem constituir um bom ponto de partida para a referida educação musical.

PLANO DUMA AULA

O domínio da educação musical infantil é muito vasto. As lições podem portanto ter formas muito diversas. Não é preciso que as oito colunas deste plano de trabalho sejam representadas em cada lição. As colunas I, II, IV, V e VI são as mais importantes no princípio. A coluna III é menos urgente. A coluna VII será realizada logo que seja possível e a coluna VIII virá a seguir.

O plano das oito colunas não tem nada de limitativo; no entanto, é preciso abster-se de lhes juntar elementos extramusicais, assim como jogos que não provenham da própria essência da música, a qual, como toda a arte, é em si mesma uma espécie de jogo. Aqui, jogo quer dizer: atividade gratuita sem fim utilitário (como dizem os filósofos).

O plano dum lição pode ter ordenações várias que serão tributárias do local e da sua organização, do material disponível, da natureza das crianças e da do professor. Aconselhamos, no entanto, que se comece pelo material auditivo. Este dá sempre alegria às crianças, desperta nelas interesse seja qual for o seu grau de desenvolvimento e permite fazer ver verdadeiros jogos sonoros. Se se dispõe dum banco comprido ou dum mesa grande, as crianças podem agrupar-se à sua volta, o que traz grandes vantagens para a disciplina (é preciso ordem, entendimento, organização). Em seguida pode-se passar aos exercícios de "frappés" sobre a mesa (grande variedade de exercícios com a participação inventiva das crianças, uma por cada vez com a imitação dos restantes, etc.) Poderão vir depois as canções que lhes exigem já mais esforço (memória, esforço vocal, etc.), a escala, a prática dos nomes das notas; tudo realizado à volta do piano. As crianças podem bater (por exemplo, com pauxinhos) o ritmo das canções os tempos, o primeiro tempo e a subdivisão. Depois, poder-se-a passar a reprodução de ritmos dados ao piano pelo professor, e, sobretudo, a in-

venção individual de ritmos, que serão repetidos pelo grupo e pelo professor ao piano. Em seguida virá o estudo dos compassos e, para terminar, os exercícios de ritmo com marchas, saltos, movimentos diversos. É bom que a lição comece por uma nota de alegria real para a criança, e que acabe da mesma forma. O piano pode ser substituído ou completado por outros instrumentos. O giradiscos e o gravador podem ser, neste caso, preciosos auxiliares.

Eles permitem, não somente libertar o professor para que este possa ajudar o aluno nos movimentos desajeitados, mas também fazê-los bater, próximo do instrumento, os diferentes compassos com rubatos, suspensões, etc.

COMO EXAMINAR UMA CRIANÇA OU UM ALUNO

Partindo de bases gerais, válidas em todos os graus de desenvolvimento musical, propomos que se observem os seguintes pontos: 1º - um elemento sintético prático: uma canção ou uma execução instrumental; 2º - um exame auditivo: a) do ponto de vista sensorial (divisão intratonal e reprodução de uma simultaneidade de sons), b) do ponto de vista afetivo (sensibilidade de das consonâncias e dissonâncias, grau de afinação na entonação); 3º - exame do instinto ritmico e métrico, que é preciso não confundir (bater ritmos, andar a compasso, etc.); 4º - verificar os diferentes domínios da consciência musical (nome das notas, graus da escala, ordenações). Para os alunos adiantados: conhecimento auditivo dos intervalos e dos acordes, harmonia, ditado musical, teoria geral, etc.; 5º - exame respeitante à iniciativa, improvisação e, eventualmente composição.

Demos, intencionalmente, um exemplo de exame geral a alunos em todos os graus de adiantamento, com o fim de demonstrar que os princípios adotados na educação infantil são válidos, igualmente em todos os graus de educação musical.

Para este exame não basta saber o que é preciso fazer, mas também como é preciso fazê-lo e estar à altura de sentir as reações dos alunos, porque o mesmo resultado exterior pode provir de processos interiores diferentes.

Aos cinco pontos de ordem musical acima enumerados juntam-se, naturalmente, as apreciações psicológicas que se podem fazer do comportamento do aluno, que pode ser extravertido, intravertido, primário, secundário, sensível, inteligente, doentio ou não, etc. É evidente que, se o pedagogo conhece por experiência as relações psicológicas que existem entre os elementos fundamentais da música e os da natureza humana, os traços característicos do aluno revelar-se-ão pelo próprio exame musical.

PLANO DE TRABALHO

- | | |
|---------------------------------------|-------------------------------|
| I - CANÇÕES | V - RITMA - MÉTRICA |
| II- ESCUTAR - RECONHECER - REPRODUZIR | VI - INVENÇÃO - IMPROVISACÃO |
| III-EMPARELHAMENTO - CLASSIFICAÇÃO | VII- NOMES DAS NOTAS - GRAUS |
| IV- ALTURA DO SOM - SUBIDA E DESCIDA | VIII-INTRODUÇÃO À ESCRITA E Á |

Profª Lúcia de Alencastro Valentim

Como iniciar e desenvolver um programa de arte infantil?

Inicialmente, precisaremos conhecer o tipo de experiências anteriores assim como o desenvolvimento já alcançado pela criança. Escolheremos para êsse fim técnicas simples, que não envolvam materiais pouco familiares e, preferivelmente, aquelas que sabemos que a criança pratica normalmente como jôgo, ou seja, desenho com lápis coloridos, modelagem, e na terceira ou quarta aula, pintura se possível.

Será importante que a professora observe nestas primeiras aulas como reage a cada técnica a criança que trabalha, assim como o grupo em seu conjunto, para avaliar os interesses e necessidades da maioria. Não será difícil: distribuido o material, que nestas primeiras aulas não deve ser complexo e não precisa ser variado, a professora poderá preencher fichas simples individuais, ou formulários gerais que focalizem pontos básicos a observar, tais como hábitos de trato do material (uso e conservação), grau de evolução do grafismo, ritmo do trabalho, coordenação motora, clareza de expressão, riqueza e qualidade dos detalhes, interesse pelo trabalho que realiza, confiança nas próprias possibilidades de sucesso, etc.

Uma vez descoberta as deficiências do grupo, esboçar um plano de atividades suficientemente flexível para permitir que sejam também atendidas as dificuldades individuais. Procurar-se-á então verificar as possíveis causas destas dificuldades de cada criança para acudi-las eficientemente. Por exemplo: o estacionamento por um período demasiadamente longo numa mesma fase poderá ser causado por doença, pobreza mental, material inadequado, inibição. Na impossibilidade de remover a causa, oferecer oportunidades frequentes de desenvolvimento em outras técnicas, de

maneira que a dificuldade possa ser contornada. Faça perguntas que estimulem o raciocínio, mas não ofereça soluções, que só serão válidas na medida em que forem pessoais. Valorize o pouco resultado conseguido, mesmo que a maioria da turma já tenha alcançado nível mais alto em seu desenvolvimento. Não esqueça que pelo menos em arte, a criança só poderá ser comparada a ela mesma, em suas diferentes fases. Nunca com outras crianças, jamais com a professora, a qual não deve "mostrar como se faz". Motive através de interesses especiais. Oferecendo novas técnicas, escolha aquelas que contém exercícios diferentes para o mesmo objetivo em vista.

Pelo que foi dito compreende-se a necessidade de um planejamento cuidadoso de cada aula de arte: material, fichas de observação, objetivos a alcançar, técnicas substitutivas (que devem estar sempre à mão).

Aconselhamos a organização de um fichário de técnicas, e a exploração frequente e pessoal de cada uma delas, com as quais a professora precisa familiarizar-se, assim como o teste prévio do material que a professora oferecerá à criança, para que as dificuldades possam ser previstas e socorridas eficientemente. É importante lembrar que os trabalhos da professora não devem ser mostrados à criança, que sofreria fortemente a sua influência, tendendo a copiá-los.

A professora de classe, que enfrenta os problemas de instalação inadequada para atividades artísticas, poderá arranjar pranchetas grandes que cobririam duas ou três carteiras na hora de arte, ou planejar os trabalhos de modo que diferentes grupos se revezem em um canto especialmente preparado para estas atividades. Os problemas de instalação são largamente compensados pelas vantagens do trato muito assíduo e da relação mais profunda que dele resulta entre a professora e o aluno, facilitando sobremodo o trabalho. Nas salas de aula norte-americanas vimos funcionar permanentemente o "cantinho de arte", que a criança em qualquer hora livre.

O uso frequente do cantinho de arte provoca apreciável desenvolvimento estético, ajuda o ajustamento da criança à classe e ao ambiente em geral, constituindo auxílio precioso à professora, que vê resolvidos de maneira simples inúmeros problemas de disciplina.

A profª leiga em arte, aquela que se considera "não dotada", ou incapaz de desenhar, assusta-se ante a idéia do largo emprêgo de atividades artísticas em classe, receosa de não poder ajudar o bom desenvolvimento da criança, cometer êrros de orientação ou julgamento. A estas principalmente devemos dizer que o crescimento da capacidade de expressão pela arte é um processo natural e espontâneo, bastando para sua plena eclosão que haja a oportunidade frequente de exercício e a aceitação simpática da obra realizada. Durante todo o nosso curso temos insistido na importância de não intervir o professor diretamente na obra, que resulta do processo de expressão. Mais uma vez afirmamos que o que importa e educa é o ato de expressão em si, não o resultado material dêle. Para o educador, a valorização da obra é principalmente uma técnica de motivação. Será inútil tentar corrigir um braço ou uma perna de boneco, uma forma de cerâmica, já que sabemos que a forma e a representação da figura decorrem de um mecanismo psicomotor complexo. Não será demais lembrar que nossos padrões adultos não correspondem aos padrões infantís de arte.

Que as oportunidades de exercício sejam frequentes, principalmente aquêles menos hábeis. Que se corrija a maneira de usar o material e como conservá-lo. Que se valorizem sempre as qualidades enumeradas na nossa ficha de observação inicial. Que se colecionem os trabalhos em pastinhas ou port-fólios individuais, que poderão ser os mais simples ou aquêles confeccionados pelas próprias crianças. Examinando depois as coleções veremos o progresso alcançado. Para encerrar lembraremos alguns ítems importantes na avaliação dos trabalhos:

Bons:

1. Honestidade de expressão.

Fracos:

1. Truques. Decalques. Cópias.

- | | |
|---|---|
| 2. Equilíbrio e desembaraço. | 2. Inibição, timidez (desenho apagado, incompleto, miudinho, uso apenas parcial do espaço). |
| 3. Significativo para os colegas e professoras. Tem vida. | 3. Inexpressivo. Apagado. Morto. |
| 4. Executado com atenção e cuidado. | 4. Maltratado. Semi ou totalmente destruído. |
| 5. Apresentação clara da idéia | 5. Confuso. |

- - - - -
Bibliografia

1. Shultz and Shores - Art in the elementary schools - The University of Illinois Press. Urbana, 1954.
2. Mendelowitz - Children are artists - Stanford University Press, California, 5th printing, 1957.
3. Erdt - Teaching art in the elementary school - Rinehart & Co. N. York, 1956.
4. D'Amico - Creative teaching in art - International Textbook Co Scranton, Pemsylvania, 1953
5. Lowenfeld - Your child is an artist - (existe em espanhol) Creative and mental growth - The Macmillan Co. N. York, 1952
6. De Francesco - Art Education, its means and ends - Harper and brothers N. York, 1957
7. Gaitskell, Charles - Children and their art - Harcourt, Brace and Co. 1958
8. Wickiser, Ralph - An introduction to art education - World Book Co. N. York, 1957.
9. Read, Herbert - Education por el arte - Editorial Paidós, Buenos Ayres, 1954 (existe em francês, inglês, italiano).
10. Naville, Zazzo e outros: Le dessin chez l'enfant - Presses thiver taires, Paris, 1951.
11. N. Butz - Arte Creador Infantil - Ediciones de arte, Barcelona.
12. Stern, Arno - Aspects et techniques de la peinture d'enfant - Delachaux - Niestle (existe em espanhol).

C.R.P.E. - BAHIA. 1963.

CENTRO EDUCACIONAL CARNEIRO RIBEIRO - ESCOLA PARQUE

Texto traduzido do livro "Children and their art for the Elementary School", escrito por Charles D. Gaitskell, editado em 1958, pela Harcourt, Brace and Company, Inc.

Charles D. Gaitskell, Diretor de Arte do Departamento de Educação de Ontario - Canadá, atual Presidente da "International Society for Education Through Art" - INSEA., através de uma série de livros, artigos e trabalhos de pesquisa, vem dando, aos interessados em arte na educação, base filosófica e teórica e também sugestões práticas e análises de experiências essenciais ao trabalho do professor de arte.

Tradução de Edith Motta.

PROGRAMA DE TRABALHOS MANUAIS.

Na escola elementar, o trabalho manual constitui grande parte do programa geral, porém, o tempo destinado a esta atividade não deve ser considerado, unicamente, como oportunidade de a criança aprender apenas, um certo número de habilidades técnicas.

Na maior parte das escolas, as artes e os trabalhos manuais constituem uma cadeira de atividades. A arte, inclui o trabalho manual, desde a 1ª até a 12ª série. Em muitas escolas, a economia doméstica, as artes industriais e os trabalhos manuais, também industriais, são ministrados como trabalho especial no programa geral, porquanto se considera que, ao atingir a adolescência, o aluno, frequentemente, está preparado para um tipo de trabalho mais formal, neste setor de aprendizagem. Entretanto, o trabalho manual criador, continua como parte do programa de arte em todas as séries, e pode ser adequadamente relacionado com as artes e ofícios industriais e a economia doméstica.

Foi observado que o fato de separar a arte do trabalho manual em pobrece a ambos. Os desenhos e as pinturas de crianças que não praticaram trabalho manual com frequência são, muitas vezes, falhos em volume. Crianças que não exploram o trabalho manual podem deixar de perceber o valor da arte na vida quotidiana. Têm certa tendência a esquecer que roupas, móveis e casas, da mesma forma que a pintura, devem ser desenhados. Finalmente, o trabalho manual que resulta da separação das duas matérias pode revelar uma pobreza de desenho que o torna mais repelente do que agradável.

1 - O Trabalho Manual deve ser criador

No Trabalho Manual, como no artístico, deve haver oportunidade de criação em tôdas as atividades. Ao defrontar um problema interessante e adequado - a construção de algum objeto - uma criança normal usará iniciativa e imaginação para resolvê-lo. Para garantir o caráter criador do programa, o professor deve ter, à mão, estoque de materiais diversos tais como: cartões, caixas, palitos, diversas qualidades de papel, e várias outras coisas inclusive madeira, metal e materiais fabricados que podem ser utilizados pelas crianças. Também deve haver variedade de instrumentos. As crianças devem ter liberdade de escolher o material e os instrumentos mais adequados a seus objetivos. O brinquedo experimental com novos meios é muitas vêzes desejável a fim de que as crianças possam descobrir os recursos dos materiais desconhecidos.

2 - O trabalho Manual deve oferecer problemas

Foi dito anteriormente, que o ensino progressivo ou por modelo, oferece pouca oportunidade de desenvolvimento intelectual e emocional da criança e que não deve ser usado nem no trabalho manual nem na arte. O professor de trabalhos manuais deve oferecer oportunidades de a criança resolver problemas e êstes devem corresponder a interêsses da criança. Ocasionalmente, pode o professor ter necessidade de, com antecedência, prestar informações sôbre o uso de instrumentos ou sôbre a peculiaridade de certos materiais. Em alguns casos, isto pode ser feito por demonstração. Algumas dificuldades não podem ser vencidas sem perda de tempo e de material. A informação dada deve antes assistir do que interferir com o planejamento do aluno para o trabalho a ser feito. As fórmulas rígidas, em hipótese alguma, deverão ser impostas pois tal facto acarretaria a standardização do desenho do objeto que, por si, já sofre as restrições impostas pelos instrumentos de trabalho e pelo próprio material.

3 - As crianças precisam de orientação

O professor deve oferecer orientação sob as seguintes formas:

- I. Zelar para que os problemas escolhidos pelas crianças não estejam acima de suas possibilidades, em resolvê-los;
- II. Auxiliar quando realmente necessário, mas não antes de ser necessário;
- III. Não oferecer mais auxílio do que o necessário a fim de que a criança possa desenvolver iniciativa própria no acabamento do trabalho.

4 - O Trabalho Manual deve desenvolver o gosto

O trabalho manual deve proporcionar o desenvolvimento do gosto estético da criança. Tôdas as atividades devem ser dirigidas pelos dita-

tames do bom desenho. No trabalho manual, como na arte, não oferecemos regras de desenho a serem seguidas pelas crianças, entretanto, pela apresentação de objetos bem desenhados ou de fotocópias destes objetos, podemos ajudar as crianças a evitarem algumas das artimanhas do mau desenho.

O bom desenho no trabalho manual é encontrado, com maior frequência, quando a pessoa que o executa respeita as limitações do material com que trabalha; em segundo lugar, quando se tem idéia bem clara sobre a utilidade do objeto que se está fazendo.

a - Respeito às limitações do material

As crianças precisam chegar a compreender que o material deve ser tratado com algum respeito. Se a madeira está sendo empregada na confecção de algum objeto deve ser utilizada a qualidade da própria madeira. Por exemplo, é desonesto esculpir uma estátua numa qualidade de madeira e depois pintá-la para fingir que a estátua esculpida foi esculpida em outra madeira. É igualmente desonesto usar pintura metálica para fazer com que um objeto de madeira dê a impressão de ser feito em metal. A madeira, ou outro qualquer material, tem qualidades que lhes são peculiares e que afetam o desenho. As crianças, de um modo geral, sabem respeitar as limitações do material com que trabalham. Poderão pintar a madeira, ou outro qualquer material, para fins decorativos ou de expressão; por iniciativa própria não pintam os materiais com o intuito de enganar.

É lamentável que muito do mau desenho existente em algumas salas de aulas novas seja resultado da orientação inadequada do professor. Em uma classe, um menino foi observado ao fazer uma cesta de papel em alumínio. O alumínio é, por si mesmo, um metal agradável e que não requer camada protetora. A cesta era uma peça bonita e honesta. O metal brilhava, os rebites estavam claramente expostos e formavam um desenho rítmico dos lados da cesta. Então o professor sugeriu que o objeto fosse pintado e o metal foi recoberto de tal forma que ninguém poderia dizer de que material havia sido feito. No terceiro dia o professor deu à criança quatro rosas de papel recortadas de um catálogo de semente, para serem coladas nos lados da caixa. O resultado foi o máximo em matéria de mau gosto. É verdade que certos materiais, como o ferro e o aço, em determinadas condições, requerem proteção; entretanto, não se deve depreciar as qualidades inerentes à matéria encoberta.

As técnicas para a execução de desenhos em material devem ser selecionadas com critério. O processo "silk screen" é empregado adequadamente em tecidos porque a espessura da tinta incorpora-se ao tecido tornando-a parte dele. Em madeira, esse processo é horrível porque a tinta não se associa à madeira. Em outras palavras, a decoração de um meio, deve valorizar as características deste meio.

Pode ser aqui salientado que os instrumentos utilizados em determinado material, frequentemente, conferem características a este material. Os sinais de goiva, nos trabalhos de madeira esculpidos à mão, podem, muitas

vêzes, ser conservados a fim de variar o desenho. Os resultados de polimento e eficiência obtidos com o emprego de técnicas mecânicas no metal conferem um aspecto diferente do obtido com os recursos manuais. Os processos de camuflagem para encobrir os instrumentos ou técnicas empregados não devem ser utilizados. A prática de tais processos é desonesta e confere vulgaridade ao desenho.

b - Os objetos fabricados devem ser adequados às suas finalidades

Em geral, as crianças têm um pensamento objetivo no trabalho manual e, normalmente, ao defrontarem problemas adequados às suas capacidades, iniciam o trabalho e produzem um objeto capaz de resolver a dificuldade. Em outras palavras, fazem um desenho adequado às finalidades. Por ex., se como parte de uma atividade de grupo relacionada com estudos sociais, desejarem criar uma Vila Indiana, encontrarão material adequado e farão um trabalho aceitável.

A idéia de um "objetivo" é de maior importância no trabalho manual. Qual a utilidade do objeto terminado? A utilidade do objeto, é obvio, afeta o desenho. Muitos exemplos de objetos mal desenhados podem ser vistos no mundo, porquanto, no planejamento destes objetos, foram consideradas outras idéias além das dos objetivos que lhes eram próprios.

As frentes de alguns automóveis foram aumentadas muito além do espaço necessário à guarda do motor. Este aumento foi evidentemente desenhado com o intuito de dar aos carros a impressão de enorme força e poder que eles não possuem. Uma colisão, que poderia ter sido evitada se a visão do motorista não estivesse prejudicada, demonstra a futilidade de tal medida.

Algumas vêzes, os edifícios exibem o mesmo tipo de falsos desenhos. Edifícios comerciais construídos como se fossem templos gregos; casas feitas para parecerem hotéis ingleses ou quintas espanholas; escolas parecendo castelos normandos são exemplos de tentativas no sentido de fazer com que os edifícios pareçam alguma coisa que, na realidade, não são.

Em algum caso de nossos móveis temos provas de deliberada falsidade. O entalhe à máquina imitando o entalhe à mão; barras de madeira presas com tachas à cadeiras estofadas e que, com o correr do tempo, vêm, muitas vêzes, a cair. É difícil dizer se tais práticas contribuem para o estilo ou conforto ou para o lucro do negociante.

As escolas públicas, que deveriam ser as primeiras a condenar o mau desenho, nem sempre foram isentas de culpa na perpetuação de tais falsidades, de desenhos que, ainda hoje, invadem nossos mercados. Felizmente, os desenhos existentes em nossas salas de aula têm apresentado sensíveis melhoras. Alguns professores, entretanto, continuam a interferir com a idéia de finalidade em relação ao desenho, sugerindo que as crianças utilizem os mais excêntricos modelos. Um porta tesouras feito com intuito de parecer uma casa de esquimó. Muitos destes desenhos são desagradáveis

porque um adulto tentou produzir uma forma de pseudo arte infantil. Normalmente, um adulto não pode comportar-se como criança e se, conscientemente, tenta fazer isto por meio do desenho, estabelece, invariavelmente, o conflito entre o trabalho do adulto e o da criança e este conflito terá efeitos forçosamente desastrosos sobre a inteligência e o gosto da criança.

A criança que recebe estímulos para fazer tais objetos perde a noção de que o melhor desenho é aquele que, diretamente, preenche sua finalidade. E isto, em verdade, é a própria essência do bom gosto. Um porta tesouras deve ser simplesmente, um porta tesouras e não um misto de brinquedo e historietas em quadrinhos. Enquanto os professores oferecerem modelos não funcionais para serem copiados, estarão interferindo com o pensamento reto e honesto de que a criança é capaz e, ainda, diminuindo o gosto da criança.

Na escola, a criança deve chegar a compreender que é necessário haver honestidade no desenho e que esta honestidade resulta do respeito à finalidade do objeto e à natureza do material.

5 - Padrões

a - Baseado em formas abstratas

Alguns trabalhos manuais previstos nos programas exigem a criação de moldes completos. Será muitas vezes aconselhável que o professor estimule o uso de formas abstratas, linhas curvas, onduladas ou retas, e massas de cor. Este estímulo permitirá que as crianças que não desenham bem trabalhem sem sentimento de inferioridade em relação às bem dotadas. Padrões abstratos, interessantes e resistentes podem ser usados em estêncil, gravura de batata, "sild screen" e gravura em linóleo em fazendas.

b - Baseados em experiências vividas

Muitas vezes, uma criança fará um desenho bom e original, que não é inteiramente abstrato, mas baseado em suas próprias experiências de vida. Como na arte, ela se reportará à vida do lar, do brinquedo e da escola. Crianças brincando em jogos adequados ou com animais domésticos, indo à cidade, ou trabalhando aos sábados, são temas básicos a serem escolhidos e utilizados em motivos repetidos.

c - Baseados em assuntos escolares

Os assuntos escolares podem inspirar o trabalho das crianças. Navios, pessoas, edifícios, hábitos e costumes de outros países e outras épocas, podem oferecer motivos. Estes recursos, entretanto, devem ser empregados com cuidado pois, se a orientação dada em classe for inadequada, o trabalho pode perder em originalidade. O professor não deve impôr modelos e idéias estereotipadas. Já vimos demasiados exemplos de "Mexicanos Preguiçosos" ou dos glorificados "Navios Negreiros", assuntos utilizados como decorrência da ênfase que certos professores deram a motivos já explorados. A inspiração pode, facilmente, ser encontrada na própria vida e profissão dos nossos

contemporâneos que vivem na própria localidade da escola. A mineração, a lavoura, a construção, a pesca, o trabalho com madeira, podem oferecer temas emocionantes. Qualquer motivo baseado em estudos de terceiros, deve ser desenvolvido pela criança após cuidadoso e relativamente prolongado exame.

d - Baseado em cenário natural local

Provavelmente, a maior fonte de inspiração do desenho é o cenário natural e local com suas montanhas, córregos, fôlhas, flôres e animais. Esta fonte de inspiração, embora muito explorada por nossos pintores, foi apenas a florada pelos que se dedicam ao trabalho manual. As crianças usarão espontaneamente, as fôlhas e flôres silvestres de suas regiões, ou o contôrno das montanhas, em seus desenhos e, a tanto, devem ser incentivadas. Devem ainda ter liberdade de criação ao empregarem êsse tema, porém, não devem ser levadas a desenhar ou a pintar de modo fotográfico, as formas estandarizadas e tão difundidas no passado. Cada criança pode dizer alguma coisa sôbre as fôlhas, por exemplo, num feitio pessoal e criador.

6 - Criação de padrões de acôrdo com o grau de habilidade

Depois que as crianças tiverem o interêsse despertado, devem ter liberdade de escolher seus próprios temas e de desenvolvê-los a seu modo. Em qualquer hipótese o trabalho realizado parecerá um trabalho infantil e não de adulto. As várias etapas do desenho e de pintura que a criança atravessa na arte, aparecem também no trabalho manual. Crianças pequenas cortam e rasgam o papel e empregam outros materiais de modo "geométrico" ou "simbólico". Se o professor quiser oferecer diretrizes no sentido de que as crianças se utilizem de círculos para fazer uma galinha, ou de um triângulo para representar uma menina, estará interferindo com o processo de pensar e agir que deve ser incentivado pela educação artística. Da mesma forma, as técnicas de dobrar o papel num certo número de retas e utilizá-lo na feitura de objetos, tais como cadeiras e mesas tendem a retirar à criança uma oportunidade de pensar.

7 - Planejamento do trabalho pela criança

Não se deve pedir que as crianças estabeleçam e sigam planos detalhados e completos do trabalho que pretendem fazer. Na pintura, embora as crianças tenham ideias gerais sôbre o que pensam realizar, começarão por explorar ideias novas. À medida que o trabalho toma forma, uma ideia conduz a outra. O mesmo é verdade em relação ao trabalho manual; uma figura gravada em matéria textil pode chamar uma linha ondulada, a linha ondulada, por sua vez, pedir u'a mancha de tinta clara e esta, por sua vez, requerer a repetição da primeira figura. Ainda, as crianças podem planejar um castelo normando; o fato de pensar no castelo conduz ao fôssô, o fôssô à ponte levadiça. Em outras palavras, as crianças devem estar sempre explorando e criando e devem sentir-se livres para, nos projetos originais, introduzir alterações decorrentes do estudo dos problemas que lhes são apresentados. A

compreensão dos problemas aumenta à medida que trabalham e, desta maior compreensão, surgem novas soluções. Seguir um plano inicial detalhado, de maneira rígida, seria interferir com o desenvolvimento das ideias.

8 - Desenvolvimento de técnicas

O domínio dos instrumentos e dos materiais é adquirido lentamente. Embora o professor possa ter uma concepção ideal em relação ao artesanato e sua técnica, estes ideais são ideais de adulto e constituem o resultado de muita experiência. Uma criança não tem estes objetivos e só poderá vir a tê-los quando amadurecer. Para ela, a madeira tosca e pregada é, a princípio um avião perfeitamente satisfatório. Ela prega a madeira com toda sua habilidade e satisfaz-se com o resultado. Pela capacidade de imaginação e pelo esforço despendido, merece ser elogiada e deve, depois, ter liberdade de prosseguir em outra atividade que desperte seu interesse. O professor que insiste num acabamento fino ou que espera que a criança domine um certo número de técnicas cuidadosamente escalonadas, está formando um artesão mas não está educando um jovem. É preciso repetir, ainda, que, na maior parte das escolas, as atividades manuais não visam formar artesões. As tentativas de se estabelecer padrões de trabalho adulto têm resultado, comumente, no desenvolvimento de crianças mentalmente apáticas e na execução de objetos mal feitos. Com o estabelecimento de padrões adultos o trabalho concluído pode parecer melhor aos olhos dos adultos; porém, na realidade, foi impedida aquela aprendizagem que resulta da solução de problemas e da procura da perfeição do desenho. No trabalho manual, como na arte, a principal finalidade do programa é, mais que a realização do objeto, o desenvolvimento completo da criança que, dando o máximo de sua capacidade individual, pode pensar por si mesma e dominar suas emoções. Não podemos desenvolver criaturas que, passivamente sentadas, seguem orientações cuidadosas e progressivas de adultos com ideias preconcebidas sobre o que deve a criança fazer para tornar-se um artesão.

9 - Atividades de grupo

Como no programa de arte, as crianças que participam do trabalho manual devem aprender a trabalhar juntas e em grupo. Portanto, parte do trabalho manual deve ser constituída de atividades de grupo. Estas atividades devem incluir murais e outras decorações de parede, cenários para fantoches, ou construção de maquetes de comunidades.

10 - Crítérios para escolha de um programa.

Com tão diferentes tipos de trabalhos e tanto material para escolher, o professor pode ficar em dúvida em relação ao programa a seguir. Como a maior parte das autoridades em educação não prescrevem cursos padrões para os trabalhos manuais nas diferentes séries, o professor está na interessan

te posição de poder escolher um programa a seu gosto. Na verdade, o trabalho realizado e o material empregado são menos importantes que os métodos de ensino adotados.

Muito tempo pode ser perdido na sala de aula com a seleção de trabalhos inadequados. A confecção de objetos inúteis deve ser cuidadosamente evitada. Coisas tais como enfeitos de fazenda, garrafas decoradas, flôres de casca de ovo, colares de sementes de abóbora, broches de milho assado, parecem, antes, uma perda de tempo a menos que os objetos possam ser usados com um objetivo definido. Tais coisas resultam, geralmente, na produção de objetos com um baixo nível de desenho. O critério mais razoável para o planejamento de um programa de trabalhos manuais é, provavelmente, o que se segue:

- I - O grau que permitirá o desenvolvimento do gosto da criança por meio da atividade escolhida;
- II - As oportunidades de correlação entre o trabalho manual e as experiências de vida de criança, principalmente na pintura com diferentes materiais;
- III - As preferências e habilidades do professor (êste critério presspõe a intenção de despertar o interêsse das crianças por métodos de motivação adequados);
- IV - Os materiais e utensílios existentes na localidade: (ex: tintas, madeiras, metais)

11 - Resultado do trabalho organizado dentro dêstes critérios

Se o professor, de maneira adequada, levar em consideração as preferências das crianças e permitir que elas resolvam os problemas relativos ao trabalho realizado, os alunos de uma mesma classe não escolherão todos, simultaneamente, o mesmo tipo de trabalho. Ainda que duas crianças resolvam fazer o mesmo objeto, cada uma delas fará um objeto diferente. O trabalho realizado dependerá da habilidade individual de cada criança, do seu nível de gosto e de sua inteligência. Em resumo, uma vez que não existem duas crianças iguais, os trabalhos realizados numa sala de aula não serão iguais.

12 - Divisão em grupos

A divisão da classe num certo número de grupos pode ser aconselhável porquanto o professor pode sentir dificuldades em supervisionar uma classe inteira, sobretudo se considerarmos que deve dar, a cada criança, liberdade de escolha da própria atividade e da maneira pela qual irá realizar o seu trabalho. Os grupos podem ser escolhidos de forma arbitrária, como por filas de carteira ou por ordem alfabética dos nomes. Numa aula de diversos níveis de adiantamento, os grupos podem, também, ser organizados de acôrdo com o adiantamento dos alunos, ou, em melhor critério, as crianças poderão agrupar-se de acôrdo com seus próprios interêsses.

Enquanto um grupo está ocupado em trabalhos manuais, outras crianças podem tratar de outros assuntos. Deste modo, o professor será capaz de, mais

eficientemente, supervisionar o trabalho e, quando necessário, dar atenção especial.

13 - Trabalhos manuais para crianças excepcionais

O que foi dito anteriormente em relação à pintura para crianças menos capazes pode ser aplicado aqui. Sustentamos que o trabalho manual mecânico, só pode agravar a condição dessas crianças, que devem ter um trabalho criador. O trabalho criador é altamente benéfico para crianças física ou mentalmente deficientes. Crianças com inteligência e habilidade em grau superior devem ter programas, mais ricos.

Na infância, o aprendiz bem dotado não constitui problema para o professor compreensivo e atravessa as várias etapas de expressão artística mais rapidamente que as demais crianças normais. O tratamento educacional e especial necessário a este tipo é, em geral, um programa de arte mais rico, capaz de satisfazer suas necessidades e acompanhar seu ritmo de aprendizagem.

Na adolescência, o problema do bem dotado torna-se mais agudo. Os jovens de talento mostram certas peculiaridades em relação aos próprios trabalhos. Ficam impacientes com a realização artística medíocre e com a liderança deficiente por parte do professor. Somente o professor bem dotado, como professor e como artista, pode satisfazer as necessidades de tais adolescentes. Talvez que a melhor solução para estes casos seja o encaminhamento a classes especiais, fora do horário escolar. Alunos deste tipo podem frequentar tais classes sem estarem sujeitos a acusação de "diferentes" ou "snobs" o que poderia acontecer na hipótese de ficarem isolados de seus colegas nas classes regulares. Também existe a vantagem de, nestas classes, ser possível o recrutamento em períodos curtos, de certos especialistas em determinados campos artísticos.

14 - Trabalhos Manuais recomendados para todas as séries

1. Pintura em três dimensões, o que requer o emprêgo de papel de embrulho, papel colorido, e sobras e aparas de diversos materiais. Técnicas de aplicação de retalhos de fazenda podem ser utilizadas;

2. Fantoques;

3. Moldes de papel cortado;

4. Cartazes com figuras coladas a uma superfície;

5. Pintura à dedo para moldes e pinturas;

6. Gravura com estilete;

7. Máscaras;

8. Impressão - panfletos

9. Modelagem;
10. Escultura em papel;
11. Tecelagem;

15 - Trabalhos Manuais recomendados para classes médias e maiores

1. Marionetes;
2. "Silk-screen" em papel ou fazenda;
3. Recorte e impressão com linóleo em papel ou fazenda;
4. Estêncil em papel ou fazenda;
5. Bordado, croché e tricô;
6. Trabalhos em couro;
7. Escultura e gravação;
8. Miniaturas de casas e aposentos;
9. Encadernação;
10. Cerâmica;
11. Tecelagem em tear;
12. Teatro;
13. Trabalhos em metal.

CENTRO EDUCACIONAL CARNEIRO RIBEIRO - CRPE da BAHIA

ATIVIDADES ARTÍSTICAS : TÉCNICAS PRINCIPAIS

FINGER PAINTING

Material : papel couché - tinta em pó - goma de polvilho

Processo : prepara-se goma de polvilho adicionando-se pigmentos - de tinta em pó até obter-se uma mistura homogênea. Molha-se o papel e espalha-se a tinta em toda a extensão do mesmo, desenhando-se a seguir com as mãos e dedos. Pronto o trabalho deixa-se secar ao ar livre.

Objetivos : visa atender à necessidade de "manipular" que tem toda criança, desenvolver a coordenação motora e senso rítmico, através do uso simultâneo das duas mãos e a ajudar a imaginação no processo dinâmico de projeção direta de formas sucessivas e variadas sobre o papel.

DESENHO MEIO CEGO COM TINTA DE IMPRESSÃO

Material : papel de jorrão, canson ou outros semelhantes. Tinta de impressão, chapa de metal, prancheta, vidro ou qualquer superfície lisa e rôlo para espalhar tinta ou uma boneca de pano. Palitos ou estiletes. Anilinas.

Processo : sobre prancheta ou vidro ou placa de metal ou qualquer superfície lisa, distribui-se uma ligeira camada de tinta de impressão por meio de um rôlo ou boneca de pano. Coloca-se uma folha de papel sobre a tinta e com um palito ou estilete risca-se um desenho que irá se delineando no verso com a tinta de impressão. Pode-se obter meios tons, passando os dedos sobre o papel. Pode-se também colorir o desenho com a anilina.

Objetivos : atenuando os efeitos da auto-crítica exagerada, favorece a espontaneidade do traçado das linhas e desenvolve a sensibilidade e a memória para as relações formais do desenho, uma vez que o registro do gesto não se torna imediatamente visível.

LÁPIS CÊRA E ANILINA

Material : lápis cêra - papel para desenho - anilina - pincéis

Processo : faz-se o desenho livre com lápis cêra e em seguida cobre-se de anilina , usando uma ou várias cores.

Objetivos : visa desenvolver a capacidade do emprego de dois materiais. O contraste da graxosidade e granulação do lápis cêra com alisura da superfície, oferecida pela água de anilina, evidenciam possibilidades de enriquecimento do desenho no emprego simultâneo dos dois materiais.

LÁPIS CÊRA E VARSOL

Material : lápis cêra - varsol - algodão ou estôpa

Processo : escolhe-se três cores claras de lapis cêra. Sobre um papel branco faz-se manchas à vontade e depois com um algodão ou estôpa umedecido em varsol, espalha-se e mistura-se levemente as cores.

Processo : Depois de sêco faz-se um desenho linear com lápis cêra prêto.

Objetivos : desenhar sôbre superfície previamente enriquecida por áreas de côr, ajuda a desenvolver a imaginação da criança.

RECORTE E COLAGEM

Material : papel de recorte - papel de côr neutra - tesouras

Processo : rasgam-se ou recortam-se em papel brilhante, papel de revista ou qualquer papel colorido, formas e figuras (som que desenhe previamente) e cola-se em um papel de côr neutra.

Objetivos : leva à compreensão mais direta e imediata das áreas coloridas oferecendo também maiores recursos no exercício composição pelas possibilidades de movimentação ou deslocamento das formas recortadas até o encontro do arranjo final. Desenvolve também a cuidado para as relações todo-parte e da sensação de profundidade.

RECORTE E COLAGEM COLETIVA. SÔBRE PAPEL PRÊTO

Material : papel prêto grande - cola - tesouras - jornais velhos

Processo : escolhe-se previamente um tema a ser feito pelo grupo

Recorta-se ou rasga-se em jornal, formas e figuras que serão distribuídas e coladas em um papel preto grande fixado na parede ou estendido no chão, ou sobre uma mesa.

Objetivos: leva o iniciante à compreensão do trabalho em equipe provocando o enriquecimento da experiência através do intercâmbio de idéias e evidenciando ainda os princípios gerais que orientam as leis da criação artística.

DESENHO DE OLHOS FECHADOS

Material: lápis cêra - papel branco - anilina - guache.

Processo: desenha-se livremente, de olhos fechados, sem levantar o lápis do papel. Completa-se depois o trabalho colorindo-se com lápis cêra, anilina ou guache.

Objetivos: visa através da linha contínua, sem o auxílio dos olhos, desenvolver a sensibilidade e a imaginação para a composição. Na segunda fase proporciona o exercício do emprego das cores.

IMPRESSÕES COM FÔLHAS E PEQUENOS RAMOS

Material: papel de jornal ou aperyaminhado (40 quilos) - rôlo e tinta de impressão - fôlhas ou pequenos ramos.

Processo: com várias fôlhas, pequenos ramos ou mesmo flôres faz-se uma composição sobre uma prancheta. Depois coloca-se um papel em cima e passa-se sobre o mesmo, um rôlo com tinta de impressão, ficando assim o desenho dos elementos impressos no papel. Outro processo consiste em passar tinta de impressão diretamente sobre as fôlhas, flôres e ramos com o rôlo ou mesmo bonecas de pano. Em seguida colocam-se esses elementos entre duas fôlhas de papel colocando-se com os dedos ou com o auxílio de pedaços de madeira ou caixa de fósforos. Retirando-os tem-se o desenho impresso numa das fôlhas de papel.

Objetivos: facilita o exercício da distribuição harmoniosa das formas, conduz à descoberta da beleza das estruturas que regem a organização vegetal, ampliando assim a percepção dos elementos formais da natureza.

DESENHO COM ÁGUA SANITÁRIA

Material : papel de cor escura ou branco - anilina - água sanitária - palitos de fósforos - pinceis.

Processo : em folha de papel colorido, ou pintada com uma ou várias cores de anilina, desenha-se com um palito ou caneta molhados em água sanitária. Depois do desenho seco, e local onde passou a água sanitária, fica descolorido, aparecendo então a linha branca sobre o fundo de cor.

Objetivos : visa provocar experiência nova através do desenho, augar a curiosidade para a pesquisa dos materiais e obtenção de um desenho bem integrado na superfície.

BICO DE PENA EM PAPEL ÚMIDO

Material : papel canson - nanquim - caneta, pena, água.

Processo : molha-se o papel com água e logo em seguida com a pena de nanquim faz-se o desenho aproveitando-se os borrões que o nanquim deixa, espalhando-se no papel úmido. Deve-se desenhar com rapidez.

Objetivos : desenvolve a imaginação pela descoberta, e valorização dos efeitos proporcionados pelo nanquim sobre a superfície úmida.

GRAVURA SOBRE PAPEL

Materiais : papel canson - papel do cartaz - estilete ou agulha - nanquim - anilinas - água - cartolina.

Processo : em um papel branco (canson, cartolina ou outro papel encorpado) grava-se com uma agulha ou estilete fazendo um desenho. Depois passa-se um nanquim aguado pronto ou de cores ou anilina com um pincel largo, por toda a superfície do desenho. Em papel cartão de cartaz - colorido gravar um desenho linear com agulha ou estilete.

Objetivos : leva a compreensão dos valores sensíveis da linha, pre

parando a criança para atuar melhor na feitura direta do desenho através da pena.

PINTURA A GUACHE

Material : tinta (guache) de várias cores - pinceis - água e papel branco - preto e de cores neutras.

Processo : adiciona-se água - guache e pinta-se sobre o papel.

Objetivos : leva a exploração das formas e cores através de material líquido pastoso, permitindo as misturas das mesmas para obtenção de tonalidades que enriqueçam o trabalho.

Mosaico de papel

Material : papel brilhante para recorte - papel "A.G" ou cartolina - tesoura - cola - revistas.

Processo : rasgam-se ou cortam-se pedaços pequenos (aproximadamente 1 cm²) de várias cores e qualidades de papel, e colam-se uns juntos aos outros em cartolina, formando desenhos que podem, ou não, ter sido anteriormente riscados.

Objetivos : a fragmentação dos elementos com que se realiza o mosaico de papel proporciona, apesar da limitação dos recursos técnicos, maior exploração da áreas de cor, que nesse processo ganham mais vibração e dinamismo, - assim como conduz a criança a um trabalho disciplinado.

CARIMBO DE BATATA

Material : batata doce ou inglesa - tinta de carimbo - papel branco - tecido.

Processo : corta-se batata ao meio e com um canivete grava-se na superfície cortada o desenho; depois retira-se as partes desnecessárias restando apenas em relevo, a forma que desejamos imprimir. Com um pincel passa-se tinta de carimbo ou anilina no relevo, e faz-se impressão sobre papel ou tecido.

Objetivos : desenvolve a habilidade manual, a sensibilidade, e o sentido rítmico da criança através da estilização e distribuição das formas ajudando-a, dêse modo, no domínio das artes gráficas e decorativas.

LÁPIS CÊRA E NANQUIM

Materialo : lápis cêra - nanquim - estilete - agulha - papel canção.

Processo : desenha-se formas de várias cores, com lápis cêra, umas juntas as outras, evitando deixar aparecer o branco do papel entre elas. Deve-se usar de preferências as cores mais luminosas. Passa-se com pincel grossos nanquim em toda superfície desenhada e depois de seco o nanquim grava-se o desenho com estilete ou agulha tornando visível as cores que ficaram sob o nanquim

Objetivos : na primeira fase, a distribuição de zonas coloridas - propicia num processo inconsciente, o exercício de jogo de formas de cores, favorecendo a iniciação da criança no domínio da criação decorativa. na segunda etapa propicia o manêjo do pincel na sua forma mais simples.

na terceira etapa, através do uso do estilete, obtém-se um excelente exercício para a expressão gráfica que aparece enriquecida pelo valor da cor desligada de intenções predeterminadas.

MONOTIPIA

Material : tinta óleo - terebentina - óleo de linhaça - vidro ou metal - pinceis e papel - apergaminhado (50 quilos)

Processo : com tinta dissolvida em pequena quantidade de terebentina ou óleo de linhaça, pinta-se em um vidro, metal enfim, uma superfície lisa, e antes de secar coloca-se em cima um papel de preferência absorvente: faz-se pressão sobre o papel com a mão ou com objeto sólido, obtendo-se dêse modo impressão sobre o papel.

Objetivos : proporciona conhecimento mais sensível da consistência da distribuição da tinta assim como o exercício da habilidade para obter melhores resultados no ato de imprimir.

na terceira etapa, através do uso do estilete, obtém-se um excelente exercício para a expressão gráfica que aparece enriquecida pelo valor da cor desligada de intenções predeterminadas.

TÉCNICA DO PAPEL TRANSPARENTE

- Material** : papel transparente - fôsko - tesoura - cola.
- Processo** : cortar, de papel transparente fôsko, formas ou figuras, e colá-las sôbre papel translúcido. Após, cola-se o trabalho no vidro da janela.
- Objetivos** : leva ao interêsse pelo eleito de transparência de meios mais ou menos opacos com a participação da luz como elemento constituinte. A superposição de várias formas provoca, pela transparência uma fusão de planos em superfície que muito auxiliam a compreensão dêsses valores formais utilizados com frequência em criações de pintura ou desenho.

XILOGRAVURA

- Material** : madeira (imbuia, canela, peroba rosa, jequitibá rosa, jacarandá, paulista, genipapo do norte) goivas goichivites - lixa fina - tinta de impressão - rôlo - papel de jornal - papel japonês ou papel americano tipo japonês.
- Processo** : lixa-se pequena tábua de madeira onde se vai trabalhar. Faz-se incisões com goiva formando o desenho que pode ou não, ter sido riscado previamente. Passa-se o rôlo com tinta de impressão sôbre o trabalho e sobrepondo um papel, com ajuda da mão ou objeto sólido, faz-se pressão para obter a cópia aparecendo, então em branco tudo que foi gravado.
- Objetivos** : leva à depuração e síntese da linha, ao exercício e ao equilíbrio do jôgo das massas, preparando a criança para compreensão das técnicas mais complexas de artes gráficas e decorativas, além da projeção expressiva que a técnica proporciona.

GUACHE BRANCO E NANQUIM

- Material** : guache branco - nanquim - papel canson branco.
- Processo** : em papel branco, desenha-se com guache branco, depois de sêco, cobre-se tóda a superfície com nanquim prêto; quando estiver sêco lava-se o papel aparecendo o desenho em negativo por ter o guache impermeabilizado o desenho. Pode-se também usar nanquim aguado para obtenção de meios tons.

Objetivos : levar a criança ao trabalho disciplinado o artesanal para obter o desenho.

DESENHO DO NATURAL

Material : papéis (de todos os tipos) - lápis variados - pincéis de vários números - nanquim ou quaisquer outras tintas.

Processo : a realização do desenho com a presença de modelo, exige do desenhista uma distância suficiente para que ele possa abranger o tema com o olhar sem que seja necessário movimentar a cabeça. Essa distância pode ser aproximadamente três vezes maior que a dimensão do modelo visado. A prancheta deve ter inclinação a fim de permitir a contemplação quase simultânea do desenho e do modelo a copiar. A estrutura inicial da forma deve ser procurada levando-se em conta as relações de proporção dos objetos em si e em relação ao conjunto. O material deve ser de fácil correção a fim de permitir a busca livre da forma.

Objetivos : leva o iniciante a melhor compreensão das estruturas que organizam a forma dos objetos que nos rodeiam. Exercita também a transposição da visão tridimensional do relevo natural para o bidimensional da superfície do papel. Suscita a atenção para os problemas das perspectivas, ou sejam, os processos de representação espacial sobre uma superfície plana. Propõe o intercâmbio entre a visão subjetiva do artista e o aspecto objetivo da aparência das coisas com o consequente despertar para os problemas da deformação na criação artística.

BORDADO CRIADOR

Material : retalhos de cores e de tecidos variados (estopa, algodão, lã, seda, gabardine, veludo, linho, feltro, talagarça, etamine, etc.), cordões, fios, barbante, botões, fitas, botões, contas, vidrilhos, lantejoulas, alfinetes, agulhas, linhas, lãs, rafia, palha, corda, fibras, sementes, meias, etc.

Processo : é uma forma de bordado livre e direto. O aluno recebe o material escolhe um pano para base e, sobre o mesmo costura as formas livremente cortadas.

Processo : A costura dessas formas é feita com ponto simples que levam à descoberta de pontos novos.

Objetivos : pelo aspecto concreto do material usado, essa atividade é tridimensional, dando a sensação de profundidade. Permite também sentir as diversas texturas do material o que desenvolve o sentido do tato. É muito indicada para as crianças retardadas, mentais, sobretudo pelo aspecto do material usado e pelo seu caráter de repetição - repetição de pontos simples que combinados dão novos pontos, repetição de esquemas e padrões que se valorizam com a aplicação variada do material. Leva à descoberta de planos, permitindo a manipulação de elementos que vão ser integrados na estrutura, desenvolvendo a acuidade para as relações todo-parte.

